

ÁGUA NA AMAZÔNIA: SENTIDOS SOCIAIS, APROPRIAÇÕES E CONFLITOS

Aline Gabriele Cardoso do Rosário¹

David Junior de Souza Silva²

Apresentamos nesta comunicação notas sobre resultados iniciais da pesquisa sobre o sentido social da água nas dinâmicas sociais da Amazônia. Antecipadamente, podemos dizer que a água aparece como território, como espaço sagrado, como comunicação, como recurso natural e como mercadoria. Sendo diversos os seus sentidos e os atores sociais que convergem sua ação para ela, a água se torna centro de inúmeros conflitos sociais na região.

Neste texto, refletimos sobre as relações sociais que giram em torno da água em duas localidades na Foz do Rio Amazonas: a cidade de Breves, no Arquipélago do Marajó, e a cidade de Macapá, examinando as implicações presentes nessa problemática, a precarização da água. Esta precisa ser entendida em contexto amazônico minimamente em dupla dimensão, como parte do direito humano à saúde e sobrevivência e como direito à moradia. Realizamos esta reflexão mediados pelos conceitos de ecologia política e sofrimento hídrico.

A ecologia política (KRENAK, 2018) tem como objetivo a reestruturação da relação entre seres coletivos e vida orgânica, mostrando a desigualdade do poder que afeta essa relação do ser/natureza, estimulando a individualização. Além disso, demonstra que esses problemas ambientais decorrentes do desenvolvimento desenfreado não atingem todos os indivíduos de forma igual. Os mais prejudicados são as populações vulneráveis que vivem em relação de interdependência mais próxima a esses recursos naturais.

Sufrimento hídrico (OROPEREZA y GAMBOA, 2020) é o modo como os indivíduos reagem com a retirada abrupta de seus meios hídricos e as consequências que eles presenciam com a falta desses meios no dia a dia, devido as transformações feitas nos territórios por conta de interesses e ações político-econômicas que afetam toda uma população. A desigualdade sobre as populações

¹ Discente de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Etnopolítica e Territorialidades na Amazônia – NETTA/UNIFAP. E-mail: gabrielle123styles@gmail.com.

² Professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Etnopolítica e Territorialidades na Amazônia – NETTA/UNIFAP. E-mail: davi_rosendo@live.com.

menos favorecidas, onde o recurso como a água acaba se tornando uma raridade, o descaso com as centrais de abastecimento, a falta de canalização que não abrange todos os habitantes, poluição dos rios e a escassez de água potável são alguns dos problemas socioambientais abarcados por este conceito.

A relação entre sociedade e água na foz do Rio Amazonas é expressa nos testemunhos de uma liderança ribeirinha e quilombola, do estado do Amapá, e com uma liderança de movimento social pelo direito à água, da cidade de Breves no Pará. Nas duas localidades investigadas existe, de modo geral, a precarização da água para consumo diário da população. A falta de saneamento básico torna esse consumo impróprio, como é o caso da comunidade ribeirinha Nova Esperança, localizada no rio Araguari, que nunca teve acesso à água potável, e a alternativa que eles realizem para atender essa necessidade é captar água diretamente do rio. As condições se agravaram com a chegada das hidrelétricas, visto que após alguns exames se teve a confirmação da contaminação da água, o que a tornou totalmente inadequada para o uso. A partir dessa ocorrência, a comunidade passou a depender do poço artesiano de um dos moradores, porém, algumas pessoas têm dificuldades para conseguir pegar essa água devido a distância. No ano de 2019, por volta do mês de outubro houve um acordo com a prefeitura para finalmente criar um sistema de tratamento que se chamaria Salta Z, mas nunca foi executado.

Esse cenário não se modifica mesmo que algumas localidades possuam o próprio sistema de abastecimento de água. Essa é a realidade da população do Quilombo do Curiaú, em Macapá, que mesmo tendo duas centrais de abastecimento fornecidas pela CAESA, a água que chega na comunidade, e que na maioria das vezes nem chega para todos os moradores, é precária. Isso ocorre por conta que essas duas centrais de abastecimento, desde que foram criadas na década de 1990, nunca mais tiveram uma manutenção, estão defasadas, e por consequência deixa a comunidade sem o serviço. E com o crescimento da população nessa área a água acaba sendo ainda mais escassa, fazendo com que esses moradores corram atrás de água em igarapés e no lago intermitente.

A forma como os sujeitos são levados a correr atrás de outros meios para obter água mostra a ineficiência dos órgãos responsáveis para o fornecimento adequado que auxilie as necessidades que são de extrema urgência.

Veja-se a situação da cidade de Breves, na qual, segundo a liderança popular entrevistada, apenas 10% do Território possui um abastecimento normal, sendo que esse fornecimento dura somente duas ou três horas por dia. A água vem de forma inadequada, não recebe o tratamento necessário, e ainda, por cima é retirada de poços e entregue através do sistema da companhia de

saneamento. Há bairros no qual o sistema de canalização é inexistente, em uma localidade em que há cerca de 60 mil habitantes. Com essa falta de água o recurso encontrado pelas pessoas é utilizar água da chuva, dos poços, dos igarapés e do rio, sendo que esta muita das vezes é considerada questionável. Em contrapartida, a zona rural vivencia uma realidade instável, a captação da água é feita, também, pelos rios e poços, visto que não há nenhum sistema de fornecimento operando.

Água é um recurso natural inorgânico imprescindível para a vida humana. Sua deterioração não é natural, é causada por fatores sociais e tem igualmente consequências na vida social. Sofrimento Hídrico é o conceito da Ecologia Política destinado a nomear e visibilizar esta situação. Na região investigada, o não-fornecimento de água adequada para consumo é sistêmico, sendo excepcional e para uma população minoritária a garantia pelo Estado de água potável.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. Ecologia Política. **Ethnoscientia** 3 (n.2 Especial): 1-2, 2018.

OROPEZA, Oscar Adán Castillo y GAMBOA, Jorge Antonio Hernández [2020]. Ecología política del sufrimiento hídrico. El caso del Aeropuerto Internacional Felipe Ángeles y el Frente de Pueblos Originarios por la Defensa del Agua. **Argumentos**, (93): 241-259.

Data de submissão: 17/03/2022

Data de aprovação: 25/04/2022